

Por uma anarquia selvagem

Dingo



Copyleft – Copie, plagie, modifique e distribua à vontade.

Contato: dingo55@riseup.net

Aviso aos cães do governo

Esse zine foi escrito com o propósito de entretenimento e seu conteúdo não necessariamente reflete a visão do autor ou faz uma apologia as práticas mencionadas em suas páginas. Afinal, por que haveria eu de querer destruir um sistema que me promete uma vida inteira de submissão, mediocridade e alienação?

Por que anticivilização?



O anarquismo como filosofia e prática visa lutar contra todas as formas de dominação impostas socialmente. Em sua origem, ele identificou duas formas de dominação principais: o capitalismo e o estado. A medida que o pensamento anarquista se desenvolveu, ele passou a investigar cada vez mais outras formas de dominação mais sutis como por exemplo o gênero, raça e sexualidade.

Ao fazermos uma leitura da história da humanidade, é possível observarmos e identificarmos o surgimento e o desenvolvimento de diferentes formas de dominação, e assim entender quais são as suas raízes e como elas se desenvolveram ao longo do tempo. Podemos por exemplo, observar como reinos e impérios se tornaram democracias liberais e passaram a dominar por outros meios sem que o estado tenha perdido a sua essência como ferramenta de dominação.

Mas poucos se atrevem a procurar as origens da dominação nas próprias origens da civilização. Essa negligência é de se esperar em uma sociedade que tem pouco interesse por suas origens, denominando tudo que se passou antes da invenção da escrita como “pré-história”.

Assim o estudo da história passa a ser o estudo das civilizações. Aprendemos nas aulas e nos livros de história sobre a Grécia Antiga, o Império Romano e sobre as grandes navegações, mas quase nada sobre a história do homem não-civilizado. Apesar disso, a civilização é uma

“invenção” recente, tendo surgido a pouco mais de 10,000 anos, enquanto o ser humano já caminha pela terra a mais de 200,000 anos.

Me surpreende que a maioria dos anarquistas saiba pouco sobre como o ser humano tem vivido durante a maior parte da sua história, assim como ainda vivem muitos povos que ainda não foram incorporados pela civilização. Essa falta de conhecimento se torna ainda mais surpreendente pelo fato de que as sociedades mais anárquicas que já existiram e existem na face da terra são sociedades não-civilizadas.

De fato, acredito que a chave para entender as origens da dominação está nas origens da civilização, que é também a origem da separação do homem e da natureza e da dominação da natureza pelo homem. Não quero implicar aqui que todas as sociedades não-civilizadas são iguais, e nem pintar uma imagem romantizada dessas sociedades tão diversas em suas práticas e costumes. Mas com o surgimento da civilização foi aberta uma caixa de pandora que nos levou até essa sociedade doente na qual vivemos.

A civilização é uma sociedade baseada em cidades, assentamento humanos que utilizam uma quantidade de recursos maior do que a sua biorregião é capaz de prover, exigindo a importação de recursos para se manter. Entre as suas características típicas estão o sedentarismo, agricultura intensiva como forma de suprir as necessidades alimentícias de sua população, comunicação simbólica, especialização e divisão do trabalho, domesticação de plantas e animais incluindo o ser humano, acumulação de recursos, complexidade crescente, divisão de classes e uma economia extrativista e não sustentável.

Todas essas características estavam presentes na primeira civilização: a civilização Suméria. Como se isso não bastasse, a qualidade de vida de seus habitantes era muito inferior à de seus antepassados. Evidência arqueológica mostra uma queda na expectativa de vida e uma degeneração do corpo marcada por uma redução no tamanho médio de seus habitantes e uma incidência maior de doenças degenerativas e de fraturas ósseas e problemas dentais entre outras coisas.

Essas descobertas vão de cara contra o mito progressista que vê a história como uma longa marcha em direção ao progresso na qual as sociedades vão passo a passo superando suas contradições e abandonando práticas e mentalidades “atrasadas”.

A verdade é que a civilização sempre se expandiu através da guerra e conquista e se sustentou com base na dominação e destruição ecológica. Combater em suas raízes a dominação do ser humano e da natureza selvagem significa combater não apenas o estado e o capital, mas também a civilização. Esse projeto não implica uma tentativa de retornar ao passado ou de imitar as formas de vida dos nossos ancestrais, e sim um reconhecimento de que enquanto vivermos de forma civilizada jamais seremos capazes de nos realizarmos plenamente como seres humanos e de nos livrarmos das correntes da dominação.

Eu não tenho como saber até onde essa luta nos levará e até que ponto é possível reverter os efeitos perniciosos de mais de 10,000 anos de civilização e domesticação, mas acredito vale a pena nos embrenharmos tanto no debate como nas práticas que surgem da crítica contra a civilização. Essa publicação é uma tentativa sincera de fazer uma contribuição modesta para esse debate, fornecer material para reflexão e expor minhas ideias a críticas, além de encontrar outros que tenham alguma afinidade com minhas ideias.

Genocídio, etnocídio, ecocídio e colapso



A história da civilização é também uma história de colapsos. Por tenderem ao crescimento e por serem baseadas no uso insustentável de recursos, todas as civilizações estão fadadas a um eventual colapso. Muitas civilizações passadas já foram derrubadas por desastres ecológicos, sejam eles naturais, auto infligidos ou uma combinação dos dois.

O império Hitita e o Egito dos Faraós caíram após um período de secas intensas agravado por mudanças climáticas, enquanto o império a civilização que se formou na Ilha da Páscoa viu o seu fim após terem consumido os recursos dos quais dependiam para sobreviver. Apesar de serem destinadas ao colapso, civilizações podem estender o seu tempo de vida através de duas maneiras.

A primeira é através da expansão. Se uma civilização está acabando com os recursos que necessita para se manter, ela pode se expandir e encontrar mais recursos para explorar. Muitos países Europeus já teriam entrado em colapso há muito tempo se não tivessem saqueado as Américas, a Ásia e a África.

Essa necessidade de expansão já diz muito sobre a verdadeira natureza da civilização. Entre uma sociedade civilizada e os recursos que ela necessita para se manter, estão os povos que vivem nas regiões onde se encontram tais recursos, muitos dos quais são comunidades

tradicionais que vivem da terra (embora esses povos sejam cada vez mais raros). Obviamente, nenhuma população vai abandonar a área que habita, deixar que contaminem e destruam essa área ou que extraíam em excesso os recursos dos quais ela dependem para viver, e pouquíssimos povos que vivem da terra estão dispostos a vendê-la.

Isso significa que a continuidade da civilização implica a destruição de culturas inteiras, o assassinato daqueles que lutam para defender as suas terras e a destruição do meio ambiente para a extração de recursos. Em outras palavras a continuidade da civilização implica também um processo de genocídio, etnocídio e ecocídio.

Além do mais, por maior que seja a capacidade de uma civilização de se expandir e obter acesso a novos recursos, nós vivemos em um planeta finito, e uma hora não há mais para onde se expandir.

A segunda forma de uma civilização prolongar o seu tempo de vida é a inovação tecnológica. Novas invenções podem aumentar a produção de alimentos e a eficiência com que recursos são utilizados. Além do mais, foi a tecnologia que permitiu a civilização se tornar uma rede mundial de dominação e de extração, produção e distribuição. Apesar disso, essas vantagens trazem também uma série de problemas.

O primeiro é que esses aumentos de eficiência tendem a ser negados devido a um fenômeno observado pela primeira vez no século 19 pelo economista inglês William Jevons, que percebeu que quando uma tecnologia passa a ser mais eficiente, o seu custo tende a diminuir e o seu uso a aumentar, fazendo aumentar também o seu impacto no meio ambiente. Além do mais, se uma tecnologia depende de recursos não renováveis, qualquer aumento em sua eficiência só prolonga o inevitável.

Há também a questão da energia. Toda sociedade precisa de energia para funcionar, e quando ela não consegue mais suprir essa energia se inicia um processo de colapso. As sociedades mais simples utilizam primariamente a energia guardada no corpo humano em forma de calorias e a energia liberada através da queima de matéria orgânica (fogo). No contexto dessas sociedades, a obtenção e utilização dessas formas de energia pode ser facilmente feita de maneira sustentável e dentro dos ciclos fechados da biorregião que essas sociedades habitam, no qual todos os recursos são reutilizados pela natureza sem que haja desperdício.

Enquanto mais complexa se torna uma sociedade, mais complexa se torna a questão da energia. Uma sociedade que depende da tecnologia industrial só consegue suprir a sua energia a curto prazo e sob um custo humano e ambiental tremendo. Hoje em dia a nossa sociedade é extremamente dependente do petróleo, que é um recurso não renovável e com efeitos devastadores no meio ambiente.

Apesar de outras formas de energia estarem sendo cada vez mais utilizadas, o petróleo é o que move mais de 90% do nosso transporte. Em um mundo no qual consumimos produtos vindos de todas as partes do planeta, não é preciso dizer que a falta de petróleo provocaria efeitos

desastrosos. Além do mais, grande parte dos alimentos que nós comemos hoje em dia são produzidos pela agricultura industrial, que também é dependente do petróleo.

Mesmo se a sua utilização não fosse extremamente prejudicial para o meio ambiente, além de ser um dos principais motores do aquecimento global, a produção de petróleo está para atingir o seu pico a qualquer momento. Após chegar a esse ponto, ela entrará em declínio até por fim cessar completamente.

Claro que há muitas outras formas de energia, mas nenhuma delas é remotamente sustentável. Mesmo as “energias verdes” são insustentáveis e tem um impacto ambiental tremendo. Painéis de energia solar e turbinas eólicas por exemplo, dependem da mineração não sustentável para serem produzidos, sem contar que petróleo é utilizado em sua produção e transporte. A energia nuclear depende da mineração não sustentável de urânio, e produz lixo nuclear. Energia geotérmica, hidrelétrica, biocombustíveis e todas as outras soluções apresentadas também esbarram em barreiras intransponíveis.

Além do mais, mesmo que conseguíssemos encontrar uma solução, teríamos que implementá-la. Essa implementação não apenas é um verdadeiro pesadelo logístico, como também esbarra em vários obstáculos sociais, econômicos e políticos. Ainda por cima, essa transição levaria um tempo que não temos, como veremos mais a frente.

Podemos concluir então que a civilização industrial global está quase certamente destinada a um colapso. Mas quais são as implicações desse colapso? Primeiramente é preciso ressaltar que o colapso não é um evento, e sim um processo que se desenrola ao longo de anos, décadas ou mesmo séculos.

O final desse processo significa a extinção de uma civilização, sua absorção por uma outra civilização (o que não é uma possibilidade no nosso caso) ou em sua transformação em uma ou uma série de sociedades mais simples. Isso significa que o colapso não implica necessariamente a extinção da civilização industrial por todo o mundo (infelizmente), embora ela será quase certamente drasticamente reduzida. Não cabe a mim fazer previsões a respeito dos efeitos do colapso na sociedade a longo prazo devido à complexidade da questão e a incompetência humana em fazer esse tipo de previsão. Apesar disso, mais à frente tentarei abordar algumas perspectivas futuras frente ao colapso sob um viés anarquista.

Contra a domesticação!



Nós obtemos poder jamais imaginado por nossos ancestrais. Navegamos os oceanos, exploramos as suas profundezas, voamos pelos céus e chegamos até a lua. Calculamos a velocidade da luz, dividimos átomos e inventamos a bomba atômica. Nos espalhamos pelo mundo devastando florestas milenares e construindo cidades para habitarmos. E nessas cidades erguemos enormes edifícios e monumentos ao progresso, esse deus implacável que jamais se sacia com os sacrifícios feitos em seu nome.

Assim construímos a civilização, o leviatã que esmaga ou engole todos aqueles em seu caminho. E no centro desse processo está a domesticação do meio ambiente, das plantas e dos animais, incluindo os próprios seres humanos.

Nós fomos removidos dos ciclos da natureza e domesticados para nos adaptarmos a uma forma de vida que jamais será capaz de realizar plenamente as nossas necessidades: a vida civilizada.

E assim passamos a crer que o homem é distinto do resto da natureza, e que pode, portanto, dominá-la e usá-la a seu bel-prazer. Esse processo se fortaleceu ainda mais durante a revolução industrial, reduzindo cada vez mais os seres humanos a meros apêndices de uma megamáquina, alienados de si mesmos e do resto do mundo natural e completamente incapazes de suprir as suas próprias necessidades.

Mas por baixo dessa máscara civilizada nós ainda somos animais com necessidades físicas e psicológicas que evoluíram ao longo de milhões de anos e que ainda são as mesmas de nossos

ancestrais. A vida civilizada não apenas degrada nossa saúde como frustra nossos instintos. Não é por acaso que o mundo contemporâneo sofre uma epidemia crescente de distúrbios psíquicos como depressão, ansiedade e esquizofrenia, distúrbios quase desconhecidos entre os poucos caçadores-coletores que ainda não foram perturbados pela civilização.

Nós que crescemos em um ambiente civilizado provavelmente nunca conseguiremos nos curar completamente das feridas profundas provocadas pela civilização. Apesar disso, há muitas mudanças que podemos fazer tanto no âmbito individual quanto coletivo para combater os efeitos da domesticação e realizarmos nosso potencial como seres humanos. E é claro, não devemos nos esquecer que a luta contra a domesticação anda lado-a-lado com a luta contra a civilização e de que uma necessita da outra para se realizar.

Um dos maiores motivos do fracasso dos esforços de resistência do passado é que eles não lutaram contra a domesticação. Qualquer ataque significativo ao poder vai gerar instabilidade econômica e social, ainda mais se falamos de uma luta prolongada. Se a nossa domesticação nos faz dependentes do sistema para suprir as nossas necessidades, a desestabilização do sistema também nos afetará negativamente. Nesses casos, a grande maioria dos domesticados terminará desejando um retorno à normalidade muito mais do que o aprofundamento da crise, mesmo estando cientes da opressão envolvida nos arranjos sociais.

Quando o mercado de ações Estadunidense caiu nos anos 30 e gerou a grande depressão, a produção industrial mundial caiu pela metade. Durante esse período, trabalhadores do mundo inteiro foram severamente afetados pela crise por serem dependentes de vender a sua força de trabalho para sobreviver. Apesar disso, camponeses em países de “terceiro mundo” que viviam da terra e mal estavam integrados na economia monetária conseguiram sobreviver muito melhor do que muitos que se encontravam em uma posição mais privilegiada que eles dentro do sistema capitalista. Isso só foi possível devido ao fato de eles serem menos domesticados do que aqueles que estavam mais integrados ao sistema.

É por isso que se nós pretendemos ser uma ameaça ao sistema, nós temos também que lutar contra a domesticação e nos livrar do estado de dependência que nos acorrenta ao próprio sistema contra o qual lutamos.

Lutar contra a domesticação não significa necessariamente voltar a viver como caçadores-coletores, e sim destruir o condicionamento e as barreiras impostas sobre nossas vidas pela civilização, romper com a nossa dependência e recuperar a nossa autonomia selvagem e a nossa capacidade de agir por conta própria. Esse é um processo contínuo que se realiza ao longo de uma vida, e que provavelmente nunca se completará. Mas ao trilharmos esse caminho, nós encontramos novas forças e perspectivas para lutar e romper os grilhões que nos prendem.

Faça você mesmo



Se nós quisermos montar uma resistência efetiva contra o sistema e criarmos forma de vida autônomas, é essencial não apenas nos organizarmos para conquistar uma autossuficiência comunitária como também desenvolver as habilidades para que consigamos suprir as nossas necessidades sem depender do sistema e das suas estruturas e tecnologia.

Para aqueles de nós que estão em um grau avançado de domesticação, essa é uma tarefa imensa, pois nós já perdemos quase todas as habilidades necessárias para viver de forma autônoma. Apesar disso, acredito que esse é um desafio possível de superarmos de forma coletiva.

A lista de habilidades que precisamos aprender é imensa, levando em conta que precisamos ser capazes de nos alimentar, construir nossas próprias moradas, construir as ferramentas necessárias para vivermos, prover assistência médica uns para os outros, produzir roupas, aprendermos a nos defendermos e diversas outras coisas.

Com certeza esse não é um desafio que podemos superar a curto prazo. Apesar disso, podemos também aprender a nos aproveitarmos do que o sistema produz e dos restos desperdiçados pela produção e o consumo. Ao fazermos isso, porém, devemos tomar cuidado para não desenvolvermos uma relação de dependência com o sistema. É claro que o que eu estou propondo não é viável para a maioria no momento, e a realidade de nossas vidas nos faz dependentes do sistema no presente.

O problema não é estar dependente agora, e sim se acomodar em seu patamar atual de dependência. Cada passo que tomamos deve ser um passo que nos leve para longe dessa dependência e da domesticação, e cada passo tomado nesse sentido nos tornará mais

autônomos e mais capazes de atacar a civilização e de sobreviver à medida que o sistema se enfraquece em decorrência do agravamento da crise socioambiental que enfrentamos no momento.

Não entrarei em detalhes nas habilidades necessárias para nos tornarmos autossuficientes, mas há vários recursos e publicações que se aprofundam nessa questão. Uma dessas publicações é o zine produzido pelo anarquista anticivilização Autumn Leaves Cascade que apresenta uma lista compreensiva de habilidades e técnicas que podem nos ajudar no processo de reverter a nossa domesticação (<https://hastenthedownfall.files.wordpress.com/2015/03/a-rewilding-community-toolbox-vii-updated-margins3.pdf>)

Tecnologia, alienação e autonomia



Apesar do anarquismo surgir e se definir como uma ideologia que se opõe ao sistema e a ideologia dominante, a mentalidade da maioria dos anarquistas ainda está em muitos aspectos perfeitamente alinhada com a mentalidade civilizada que mantém o sistema. Um dos pontos em que esse alinhamento é mais evidente é na idolatria da tecnologia que se vê em quase todos os “radicais”.

A maioria dos anarquistas ainda vê na tecnologia uma ferramenta que desempenhará um papel essencial na nossa libertação. Embora eles reconheçam o papel que a tecnologia desempenha atualmente no controle social, ainda predomina a visão de que a tecnologia é neutra e de que basta libertá-la das garras do capitalismo para que ela se torna uma força libertadora que nos conduzirá a um admirável mundo novo.

Formas mais simples de tecnologia certamente tem um potencial libertador, mas qualquer afirmação de que a tecnologia industrial pode ser uma ferramenta de libertação parte de uma falta de compreensão sobre sua natureza. Precisamos, portanto, entender quais são os seus fundamentos.

A tecnologia industrial pressupõe uma forma de organização social com inúmeras implicações. Uma pequena comunidade por exemplo, seria incapaz de produzir um celular mesmo que ela tivesse todos os recursos e o conhecimento necessários para fazê-lo ao seu dispor. Para produzi-lo é necessária a existência de uma rede de produção e distribuição que inclui as

operações de extração de matéria prima, as fábricas onde se produz os seus componentes e os próprios celulares e as distribuidoras que conectam esses diferentes componentes.

E quais são os problemas implícitos nessa rede? Primeiramente temos a destruição do meio ambiente no processo de extração, pois não há tecnologia industrial sem a mineração em massa. Além do mais, como já mencionado anteriormente, essa destruição requer a remoção a força de povos indígenas e comunidades tradicionais que estão entre a civilização e os recursos necessários para alimentar a tecnologia industrial. Essa remoção destrói culturas inteiras, integrando os seus sobreviventes a força a civilização e uniformizando cada vez mais o ser humano.

Isso sem falar na poluição gerada pelos resíduos da indústria, que hoje em dia é uma das maiores responsáveis pela destruição da natureza selvagem e pela a redução na qualidade de vida e morte de inúmeros humanos civilizados e não civilizados. Além do mais, qualquer benefício que a indústria possa trazer é apenas um benefício a curto prazo pelo fato de ela ser insustentável.

Essa lógica também pressupõe o trabalho forçado, alienante e muitas vezes perigoso. Ou você acha que os trabalhadores que estão destruindo os seus corpos trabalhando em minas ou perdendo os seus dias fazendo um trabalho repetitivo e entediante em uma montadora de celulares estão lá por vontade própria? Assim o ser humano é reduzido a apenas uma peça em uma máquina, sem conseguir derivar alguma satisfação ou manifestar a sua individualidade através de seu trabalho.

Mesmo em uma sociedade pós-capitalista alguém teria que se submeter a esse tipo de trabalho para manter a produção industrial. Há quem diga que a automatização conseguirá superar esse problema e libertar aqueles que estão submetidos a esse trabalho miserável, mas até agora nunca foi oferecida uma explicação remotamente convincente de como seria possível automatizar toda a produção industrial desde a extração de matéria prima até o produto final. Mesmo se tal automatização fosse possível, a tecnologia necessária para torna-la possível também depende de um extrativismo insustentável, e seria, portanto, uma solução fadada ao fracasso.

Além do mais, em uma sociedade baseada na tecnologia industrial, as pessoas passam a perder cada vez mais a sua autonomia como indivíduos e se alienarem umas das outras à medida que as relações humanas passam a ser mediadas através da tecnologia. Como mencionado anteriormente, nenhum aspecto ou produto particular da tecnologia industrial existe por si só, e sim como parte de uma matriz tecnológica extremamente abrangente e complexa.

O indivíduo não tem praticamente nenhuma influência sobre essa matriz, que por sua vez tem uma influência tremenda sobre ele. Mesmo aqueles que tem conhecimento técnico apenas conseguem compreender uma pequena parte dessa matriz. Dessa maneira, não são os indivíduos que direcionam a sociedade através da tecnologia, e sim tecnologia que usa as pessoas para se desenvolver de acordo com a sua própria lógica. E nesse processo as pessoas se

tornam cada vez mais domesticadas e dependentes da tecnologia para suprir suas necessidades, sentindo se cada vez mais impotentes e frustradas e medida que elas se afastam de sua selvageria inata.

Ao desmistificarmos a natureza da tecnologia industrial, torna-se claro que ela é completamente incompatível com qualquer conceito de autonomia individual e coletiva. E não adianta derrubarmos a burguesia e coletivizarmos os meios de produção. Afinal das contas, que interesse tenho eu em gerir a minha própria miséria se eu continuo na condição de miserável?

Portanto, a luta contra a tecnologia industrial é um dos elementos principais da luta por autonomia e contra a domesticação, e é uma luta necessária para a nossa emancipação.

Críticas comuns ao pensamento anticivilização



Eu considero a crítica a civilização como uma extensão natural do pensamento anarquista. Apesar disso, mesmo entre os anarquistas mais radicais há uma forte rejeição contra essa tendência, que é constantemente atacada com falácias e espantalhos que raramente visam lidar com os pontos apresentados pelo anarquismo anticivilização.

Essa rejeição é de se esperar quando mesmo no meio anarquista a maioria das pessoas ainda estão completamente domesticadas e maravilhadas com os avanços tecnológicos produzidos pela civilização.

Uma das críticas mais comuns que nós ouvimos e provavelmente a mais patética é a acusação de que nós somos genocidas. De acordo com os preponentes dessa crítica, não é possível suprir as necessidades de 7 bilhões de pessoas sem a tecnologia industrial, e que, portanto, ao advogar o fim da civilização nós estamos propondo um genocídio.

Primeiramente, essa crítica pressupõe que é possível suprir 7 bilhões de pessoas com a tecnologia industrial. Isso pode ser possível apenas a curto prazo, pois como já foi abordado nessa publicação, a tecnologia industrial é inerentemente insustentável, e mais cedo ou mais tarde não conseguirá manter uma população deste tamanho.

Além do mais, enquanto mais as pessoas perderem o contato com práticas sustentáveis para se tornarem dependentes da tecnologia industrial, maior será a perda de vidas humanas quando a nossa civilização entrar em colapso como todas as outras que a precederam. Vale também lembrar que a cada dia que passa mais recursos naturais são devastados, o que significa que

quanto mais tarde ocorrer um colapso, menos recursos sobrarão para as populações que sobreviverem.

Mas a maior ironia dessa crítica é que somos acusados de sermos genocidas por aqueles que defendem a civilização quando esta é justamente a causa do colapso que está por vir. Enquanto mais demorarmos para aceitar a situação em que nos metemos e procurarmos por falsas soluções, maior será o custo humano do colapso. Então poupem-me desse moralismo hipócrita.

Outra crítica comum é que nós desejamos voltar ao passado, o que seria impossível. Essa crítica parte de um pressuposto falso, que é a ideia progressista de que viver em uma sociedade mais simples seria um retorno ao passado. Essa ideia só faz sentido a partir de uma visão da história como uma marcha linear rumo a uma direção pré-definida.

Além do mais, essa crítica é facilmente refutada por inúmeros exemplos históricos. Quando o império Romano caiu por exemplo, muitos de seus habitantes passaram a viver em organizações sociais menos complexas. Assim foi também com o fim do Império Hitita, do Império Gupta na Índia e das dinastias Han e Tang na China entre muitas outras.

Também nos acusam de perpetuar o mito do bom selvagem e visar criar uma utopia baseada em tal mito. Primeiramente, a nossa intenção não é criar uma utopia, pois tal projeto é impossível ser concretizado. O que nós queremos é encarar a vida em seus próprios termos e com todas as suas contradições e conflitos, mas livres das imposições artificiais que nos privam da nossa humanidade e de um sistema que só existe à custa da devastação e controle da natureza selvagem, que é o nosso verdadeiro lar.

Além do mais, é evidente que o mito do bom selvagem faz tão pouco sentido quanto a ideia Hobbesiana de que sem a civilização para controlar os nossos impulsos selvagens estaríamos todos matando uns aos outros. Sabemos que um selvagem pode ser tão mesquinho, egoísta e violento quanto um homem civilizado.

Mas conceitos como o “bem” e o “mal” pouco tem a ver com a crítica a civilização. A razão pela qual queremos nos livrar da civilização é o fato de que o ser humano só se realiza plenamente como ser selvagem, e a civilização e o processo de domesticação roubam a sua autonomia e provocam a sua degradação física e mental, além de aliená-lo profundamente de si mesmo, dos outros seres vivos e do seu ambiente. Além do mais, o modo de vida civilizado é insustentável e fadado ao fracasso, enquanto muitas sociedades não civilizadas conseguiram se manter por dezenas de milhares de anos. Portanto, pouco nos importam as qualidades redentoras da civilização, que de todo o modo, são meras migalhas perto do que ele nos rouba.

Mas a crítica contra o pensamento anticivilização que eu considero mais válida é o fato de que o fim da civilização seria o fim da medicina moderna. De fato, o fim da medicina moderna traria diversas consequências difíceis de lidar. A maior parte dos problemas de saúde podem ser tratados efetivamente com formas tradicionais de medicina, mas seria impossível fazer cirurgias avançadas, transplantes de órgãos e curar ou tratar apropriadamente várias doenças.

Essas consequências não devem ser subestimadas, e os benefícios da medicina moderna são de fato inegáveis. Apesar disso, a medicina moderna não existe em um vácuo, e sim como parte da civilização e de uma matriz tecno-industrial que traz consigo uma série de consequências negativas.

Antes de tudo vale a pena fazer a pergunta: quantos dos problemas que a medicina civilizada trata são causados pela própria civilização? Em 2015, quase um quarto de todas as mortes humanas (12,6 milhões) foram causadas diretamente ou indiretamente pela poluição. Atualmente, 1 em cada três pessoas que nasce nos Estados Unidos pegará câncer em algum ponto de sua vida. Doenças cardíacas, que são uma das principais causas de morte hoje em dia, são praticamente ausentes em sociedades não civilizadas. Acidentes de carro também estão entre as principais causas de morte em países civilizados, sem falar nas mortes e ferimentos causados pela guerra em grande escala, que também é um produto da civilização.

É verdade que a medicina moderna conseguiu em muitos países aumentar a expectativa de vida a um nível maior do que o dos nossos antepassados. Mas primeiramente, é importante ressaltar que esse aumento não é tão significativo quanto nos fazem crer os que ainda perpetuam o mito de que caçadores-coletores raramente viviam mais de 30 ou 40 anos. Em sua análise da expectativa de vida em sociedades de caçadores-coletores (<http://paa2006.princeton.edu/papers/61883>), os antropólogos da universidade de Princeton Michael Gurven e Hillard Kaplan argumentam que uma expectativa de vida de 65-75 anos é frequentemente observada nessas sociedades entre indivíduos que sobreviveram a infância.

Além do mais, do que adianta ter uma expectativa de vida maior com uma qualidade de vida altamente reduzida? Embora a medicina moderna possa melhorar a vida de pessoas com doenças graves ou deficiência física, a civilização aumenta drasticamente o número de deficientes físicos e de pessoas com doenças degenerativas.

O índice de miopia em populações civilizadas por exemplo, é múltiplas vezes maior do que o observado em populações de caçadores-coletores. A diabetes também é uma doença civilizada, como também são a doença de Chronn, a osteoporose, artrite, cirrose, a síndrome metabólica e uma série de doenças pulmonares e de doenças relacionadas a nutrição como a obesidade, além do desalinhamento da coluna, problemas dentários e vários outros problemas. O nosso sistema imunológico também é comprometido na civilização, tornando-nos mais vulneráveis a alergias e infecções entre outras coisas.

As doenças epidêmicas também são um produto da civilização. Juntar animais domesticados em um espaço provoca epidemias como a gripe aviária, a gripe suína e a doença da vaca louca, sem contar as doenças trazidas por outros animais que passam a habitar as cidades como ratos e pombas. E devido à alta concentração de pessoas observada em cidades, as doenças transmissíveis passam com maior facilidade de pessoa para pessoa.

Mas é na saúde mental do homem civilizado que mais se tornam evidentes os efeitos danosos da civilização em nossa qualidade de vida. Doenças como depressão, ansiedade, distúrbio

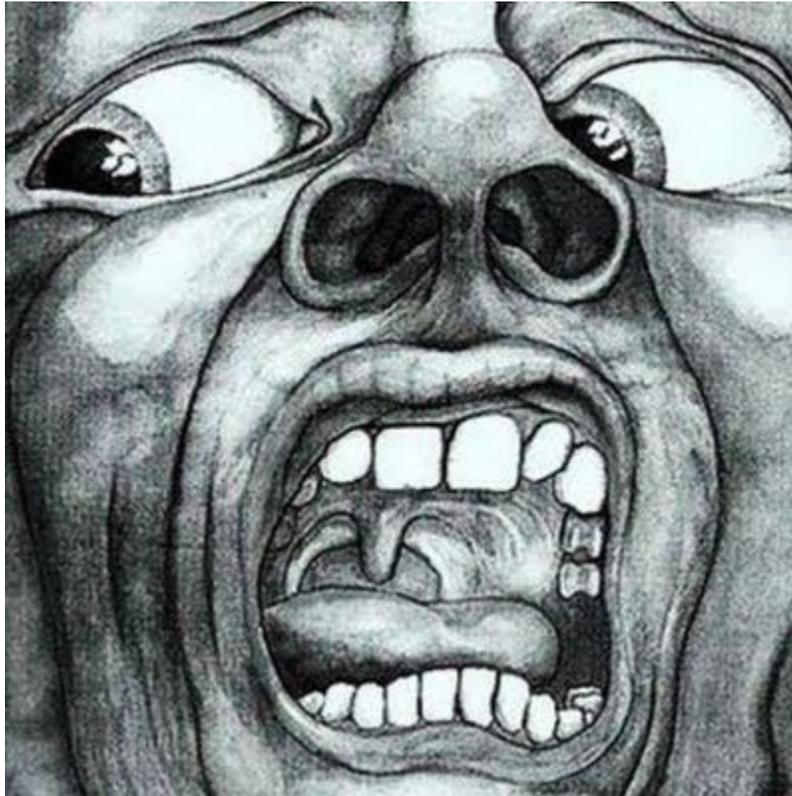
bipolar e esquizofrenia são quase inexistentes entre caçadores-coletores. Já entre os povos civilizados, esses distúrbios de tornaram epidêmicos, e afetam uma grande parcela da população mundial.

De acordo com um estudo recente

(<http://www.businesswire.com/news/home/20160420005504/en>), 1 em cada 3 jovens Estadunidenses sofre de sintomas de TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático). No Japão e na Coréia do Sul o suicídio está entre as principais causas de morte entre jovens. O que isso nos tem a dizer sobre o estado mental do homem civilizado? E a cada ano aumentam os índices de distúrbios mentais pelo mundo, agravando o assalto implacável sobre a psique humana que não foi feita para lidar com as condições da vida civilizada

Esses fatores me levam a concluir que apesar de os benefícios da medicina moderna serem reais e significativos, eles não chegam sequer perto de compensar os efeitos devastadores da civilização sobre os seres humanos e a natureza selvagem.

A miséria global



Muitas vezes somos criticados pelo discurso supostamente apocalíptico ao falarmos do colapso que está por vir. Mas a verdade é que o apocalipse já está aqui: ele é as nossas vidas.

Mais importante do saber a expectativa de vida, os índices de desigualdade e de analfabetismo em uma sociedade, é saber se as pessoas nessa sociedade conseguem satisfazer as suas necessidades físicas e psicológicas, e assim se realizarem como seres humanos.

Ao analisarmos a sociedade sob esse prisma, se torna claro que o avanço da modernidade é também o avanço da miséria. E não falo de uma miséria que vem da falta de riquezas materiais, e sim da miséria espiritual que vem de uma sociedade que nos priva de todas as oportunidades de nos realizarmos como seres humanos e nos vende substitutos falsificados em troca de nosso trabalho, que só contribui para essa miséria.

A nossa situação atual é análoga a de um animal preso em uma jaula, isolado e privado dos estímulos sensoriais que o impelem a agir em seu ambiente natural. Nessas condições, o animal começa a apresentar diversos comportamentos patológicos, assim como o ser humano civilizado.

Como já mencionado anteriormente, o capitalismo industrial global apresenta índices nunca visto antes de distúrbios mentais como a esquizofrenia, ansiedade e a depressão entre outros, e esses índices aumentam a cada ano. Além do mais, esses altos índices não se observam

apenas entre aqueles que ocupam uma posição menos privilegiada na sociedade capitalista. Mesmo entre os países mais ricos e entre os ricos mais ricos a miséria e a pobreza espiritual se expandem a cada ano como as suas fortunas.

Mesmo entre os que não são diagnosticados com distúrbios mentais crônicos, praticamente todos os habitantes dos desertos industriais apresentam alguma forma de comportamento patológico. E a medida que se torna cada vez mais difícil para o ser humano se adaptar as condições de vida civilizadas, vão surgindo uma série de fenômenos sociais bizarros.

Os jovens estadunidenses que massacram seus colegas de escola ou cometem chacinas em ambientes públicos são um exemplo disso. No Japão há outro fenômeno curioso ocorrendo com cada vez mais frequência, à medida que surgem jovens conhecidos como Hikikomoris, que em frente as pressões sociais e as suas frustrações, decidem se fechar em suas casas e viver em completo isolamento, se relacionando apenas pela internet.

Em vista de uma situação tão deplorável, a sobrevivência do sistema depende de impedir que as pessoas encarem a sua miséria e descubram a sua verdadeira causa. Artifícios para isso é o que não faltam. Não é à toa que a cada ano aumenta o número de pessoas usando antidepressivos, antipsicóticos e outros remédios que lhes permite ocultar os sintomas de sua miséria ao mesmo tempo que os torna dependentes de uma indústria extremamente lucrativa.

Outra ferramenta do sistema é a psicanálise, que opera como uma forma de fazer com que o indivíduo procure as causas para a sua miséria exclusivamente em si mesmo e vise trabalhar suas questões pessoais para que ele possa melhor se ajustar a sociedade ao invés de criticá-la e encontrar a verdadeira fonte de sua miséria.

A ideologia predominante do sistema também desempenha essa função perfeitamente, fazendo o cidadão acreditar que se ele está infeliz é porque ele não trabalhou duro o suficiente, apresentando-lhe sempre imagens de uma falsa felicidade para lhe manter correndo como um burro atrás de uma cenoura.

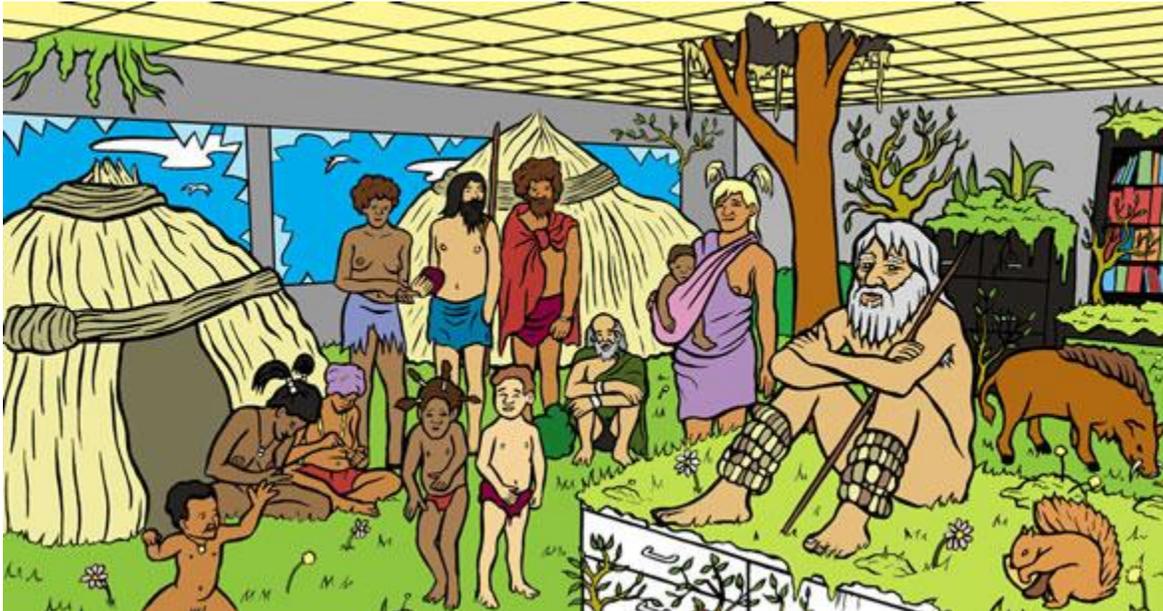
Mas nem todas essas ferramentas e distrações são impostas ou aplicadas intencionalmente pelo sistema. A verdade é que mesmo sem que o sistema o faça intencionalmente, as pessoas farão qualquer coisa para se distrair e evitar encarar o imenso vazio existencial que tomou conta de suas vidas.

E distrações é o que não faltam hoje em dia. A indústria do entretenimento cresce a cada dia, apresentando espetáculos cada vez mais fascinantes e permitindo ao cidadão moderno pular de distração a distração em seus momentos de folga até que eles tenham novamente que voltar ao trabalho.

Além do mais, podemos sempre recorrer as drogas lícitas e ilícitas como forma de escapar do peso esmagador de nossas realidades nem que seja por algumas poucas horas. E é de se surpreender que a dependência química também seja uma epidemia hoje em dia?

Tudo isso porque nos roubaram a nossa plenitude, a nossa felicidade inata. E não falo de uma felicidade que está atrelada a busca pelo prazer ou a conquista de sonhos grandiosos, e sim de um contentamento profundo que vem de uma vida simples e em harmonia com o nosso ambiente e com as nossas necessidades físicas e psicológicas como animais. Só recuperando a nossa selvageria e rechaçando essa vida civilizada que nos tornou miseráveis e dependentes podemos recuperar essa felicidade que é o nosso estado natural, e que o sistema jamais logrará substituir com as suas tralhas e os seus espetáculos.

O poder da comunidade



A luta individual contra o sistema é certamente válida, mas as possibilidades de autonomia e resistência aumentam exponencialmente quando se formam comunidades baseadas em afinidade e no apoio mútuo. Hoje em dia poucos conhecem o verdadeiro significado da comunidade, fechados em si mesmos e em suas famílias nucleares.

O que hoje conhecemos por “sociedade” não é e nunca foi algo que possa ser chamado de “comunidade”. E como poderia ser quando sequer conhecemos uns aos outros? Somos administrados por uma matriz tecnológica e por instituições impessoais sobre as quais temos pouco ou nenhum controle, e aprendemos a suprir as nossas necessidades através de relações mediadas pelo dinheiro, por instituições e pela tecnologia, e não de forma direta.

Se você pretende suprir as suas próprias necessidades sem ter que se prostituir para o sistema e aumentar a sua capacidade de ataque e defesa, é importante formar comunidades. Ao criarmos comunidades reais e baseada em afinidade e relações horizontais não mediadas por instituições, nos encontramos em uma posição melhor para nos realizarmos como indivíduos e para criarmos formas de viver que vão além de qualquer coisa que o sistema tem a oferecer. E nessa nova condição nos vemos capazes de atacar a sociedade com força redobrada.

Lidando com relações interpessoais



Como já mencionei, a nossa sociedade atomiza e isola os indivíduos, mediando as relações entre eles através do dinheiro, tecnologia e instituições impessoais. Como resultado, a grande maioria de nós é debilitada quando se trata de nos relacionarmos uns com os outros e de nos expressarmos de maneira genuína com pessoas que não pertençam a nossa família ou círculo de amizades íntimas.

Essa debilidade muitas vezes é um empecilho que reduz seriamente a nossa efetividade como anarquistas. Por sermos antiautoritários, nós procuramos nos organizar para a ação coletiva de forma que respeite o máximo a liberdade individual. Mas quantos espaços anarquistas, projetos promissores, comunas e tentativas de organizar uma ação não foram derrubadas por brigas internas?

É claro que muitas vezes essas brigas são reflexos de diferenças irreconciliáveis, e que, portanto, são inevitáveis. Mas a maioria delas ocorre por não sabermos de fato como lidar com conflitos e com relações interpessoais da maneira apropriada. Muitos projetos já foram derrubados por um mero mal-entendido, e vários anarquistas que tem muito a aprender uns com os outros já entraram em conflitos por estarem tão entrincheirados em suas posições que ao vê-las sendo contestadas partiram para o ataque com sangue nos olhos.

Em um grupo de afinidade, esse problema pode não ser tão evidente pelo fato de esta ser uma forma de organização baseada na confiança, intimidade e afinidade. Mas quando se trata de organizar espaços anarquistas que envolvem um número maior de pessoas e com menos intimidade, nós vemos o mesmo filme se repetindo projeto após projeto.

Se nós queremos ser efetivos como anarquistas, os nossos espaços devem também ser espaços onde essas questões devem ser trabalhadas para que possamos criar relações genuínas e baseadas na confiança e respeito mútuo. Dessa maneira não apenas veremos mais projetos darem frutos como também aprenderemos no processo a nos relacionarmos uns com os outros de uma forma verdadeiramente libertária.

Retomemos os nossos corpos!



Tão nociva quanto a domesticação de nossas mentes é a domesticação de nossos corpos que se fortalece a cada geração. O ser humano moderno está altamente desconectado de seu próprio corpo, que cada vez mais lhe é estranho. Passamos longas horas sentados em cubículos debruçados em frente a computadores e expostos a luzes artificiais, nos tornando pálidos e corcundas enquanto a nossa visão definha. A poluição aérea destrói o nosso olfato, enquanto alimentos altamente processados se encarregam do nosso paladar.

O definhamento de nossos corpos (que também provoca o definhamento de nossas mentes) não é apenas uma questão de saúde. À medida que nossos movimentos se tornam mais limitados, nossos músculos mais rígidos e os nossos sentidos atrofiados, a nossa capacidade de perceber e se relacionar com o mundo ao nosso redor também é comprometida, e o processo de alienação do indivíduo se aprofunda. Também são reduzidas as nossas possibilidades de experiência, assim como o nosso poder de agir sobre o nosso ambiente e alterá-lo.

Se você quer conquistar a sua autonomia, reconquiste seu corpo. Ponha-se em movimento e explore as possibilidades que sua forma lhe propicia. Teste seus limites e trabalhe para expandi-los. Preste atenção nos sons ao seu redor, e aprenda a diferenciar os cantos dos pássaros que te circundam e a se deliciar com o farfalhar das folhas balançando ao vento. Observe as formas e as cores, e comece a perceber os padrões presentes por toda a natureza.

Retome o seu corpo e você rapidamente verá novas possibilidades de ação e resistência surgirem no horizonte.

A nossa relação com a terra



Pouco se fala sobre como nós estamos alienados do nosso ambiente. Hoje em dia, poucas pessoas se sentem parte do ecossistema onde vivem, e menos ainda criam relações significativas com os seres vivos não-humanos e com as forças naturais de onde habitam.

Você sabe que plantas vivem na sua região? Em que época do ano elas nascem e em que tipo de ambiente elas preferem crescer? Você conhece os animais que dividem com você o seu ambiente? Você conhece os seus hábitos e preferencias? E quanto aos padrões da chuva, do vento, da lua e do sol?

Saiba ou não as respostas para essas perguntas, você faz parte de um ambiente que inclui vários seres vivos e forças naturais, e você afeta e é afetado por eles. Uma parte essencial do processo de reverter a domesticação é passar a ter uma relação significativa com o seu ambiente.

À primeira vista, essa parece ser uma tarefa difícil, mas ela não apenas é mais fácil do que aparenta ser como também é extremamente prazerosa. Além do mais, é possível ter uma relação íntima com o seu ambiente mesmo vivendo em uma cidade grande, pois mesmo no concreto a vida continua a resistir. Na minha experiência pessoal, eu percebi dois obstáculos principais.

O primeiro é a necessidade de uma mudança de mentalidade. A nossa sociedade é acelerada demais, e na correria de nossas vidas paramos de prestar atenção nas coisas ao nosso redor.

Nas cidades esse problema se agrava, pois além do ritmo urbano ser extremamente frenético, há menos elementos naturais nesse tipo de ambiente. Mas isso não quer dizer que eles não existem.

Além disso, queremos tudo rápido demais, e somos orientados a valorizar resultados muito mais do que processos. Desenvolver uma relação íntima com o seu ambiente é um processo sem fim e que exige uma mentalidade que não esteja focada em objetivos futuros, e sim no que está a sua volta.

O outro obstáculo é começar. A partir do ponto que você cria uma relação com algumas poucas plantas ou animais, é fácil expandir essas relações e se aprofundar cada vez mais no local onde você vive. Eu recomendo que você comece aprendendo sobre umas 5 ou 6 plantas comestíveis ou medicinais que são comuns na sua região e se foque nelas no começo

O fato de a planta ter propriedades que podem ser úteis para você é um incentivo extra para conhece-las, e a sensação de suprir as suas necessidades diretamente através da natureza é extremamente empoderadora. Além do mais, você estará adquirindo um conhecimento essencial para o processo de reverter a nossa domesticação. Ao começar a procurar por essas plantas, você naturalmente começara a reparar nas outras plantas ao seu redor, e ao buscar conhece-las e interagir com elas o processo ganha uma inércia natural.

Mas algumas coisas devem ser ditas sobre a coleta de plantas para uso próprio. Primeiramente, você deve tomar algumas precauções para evitar comer uma planta tóxica ou que absorveu produtos químicos ou metais pesados. Não coma uma planta se você não tiver certeza absoluta de que ela é da espécie correta. Se você estiver na dúvida, consulte algum guia ou mostre a planta para alguém que tenha o conhecimento apropriado para fazer a identificação.

Evite também comer plantas que crescem perto de ruas, estradas, esgotos, solo contaminado ou que estejam em algum lugar que é tratado com pesticidas. As plantas absorvem produtos químicos que podem afetar a sua saúde. Portanto, apenas colete plantas de um lugar que você saiba ser apropriado.

Outra coisa a levar em consideração, é o cuidado para não prejudicar as espécies que você está buscando no processo. A civilização industrial já abusa tanto da natureza, procuremos não fazer o mesmo. Procure descobrir se a planta que você visa coletar é ameaçada na sua região. Se esse for o caso, deixe ela em paz, ou ajude ela a se propagar e então colete.

Lembre-se também de não coletar em excesso. Se você se deparar com várias plantas de uma mesma espécie, colete um pouco de cada uma para evitar causar estrago a plantas individuais. Ao coletar, tenha sempre em mente os outros seres vivos que também necessitam desta planta.

Por fim, pergunte-se o que você pode fazer pela planta, já que ela está fazendo algo por você.

Uma maneira simples de ajudar uma planta é ajudá-la a se propagar. Você também pode retribuir o que a planta fez por você ao proteger ela e o ambiente em que ela vive de ameaças

como a poluição, o desmatamento ou o avanço de projetos industriais. Essa reciprocidade certamente fortalecerá a sua relação.

Há muito mais a falar sobre esse assunto, mas a minha intenção aqui é oferecer um ponto de partida para que você possa romper a sua alienação do seu próprio ambiente. A partir do ponto que você iniciar esse processo, a sua experiência pessoal será seu guia principal nessa jornada, que além de te oferecer ferramentas para lutar contra a domesticação também te fará ver a sua região sob uma nova perspectiva que certamente despertará curiosidade, encanto ou até mesmo reverência.

Resistência indígena



Há 10,000 anos a civilização tem se expandido pelo mundo, e há 10,000 anos povos indígenas tem resistido a essa expansão. Ao longo desse período, muitos não conseguiram resistir as investidas da civilização, que com o passar do tempo e o desenvolvimento de novas tecnologias foi se tornando uma força cada vez mais formidável.

Povos inteiros sumiram da face da terra, levando consigo suas línguas, tradições e conhecimento de valor incalculável. Muitos outros foram integrados ao sistema e perderam o contato com grande parte de suas tradições. Mas muitos ainda resistem, recusando a ordem imposta pela civilização que ameaça os seus estilos de vida tradicionais.

Aqueles que resistem se encontram nas mais diversas condições. Alguns conseguiram manter seus estilos de vida praticamente intactos, enquanto outros são completamente dependentes da civilização, apesar de continuarem lutando para manter e/ou resgatar as suas tradições. A maioria se encontra em algum ponto entre esses dois extremos.

Apoiar a luta desses povos é uma parte importante da luta contra a civilização. Muitos deles estão na linha de frente dessa luta, e mesmo entre aqueles que já estão civilizados, vários retêm grande parte de seus conhecimentos tradicionais, cosmovisão e tradições. Mas ao se envolver nessa luta, algumas coisas devem ser levadas em consideração.

Primeiramente, muitos de nós ainda retêm uma visão idílica dos povos indígenas. Já ouvi falar por exemplo, que indígenas que assistem televisão ou que acessam a internet não são “índios de verdade”. Essa visão preconceituosa é não apenas um empecilho para a luta desses

povos e um desrespeito a eles como também um obstáculo para o entendimento de uma realidade complexa.

Como já mencionado anteriormente, muitos povos indígenas ainda vivem fora da civilização, e muitos entre eles não tem interesse nenhum no que a civilização tem a oferecer. Outros estão lutando pelo seu direito a terra para poder continuar a viver de forma tradicional, mas não tem a intenção de abandonar tudo que a civilização lhes proporciona. Outros ainda lutam pelo reconhecimento de sua identidade e pelo respeito por suas tradições dentro de um modo de vida civilizado. Não há como apoiar a luta dos povos indígenas de maneira genuína sem entender e respeitar a particularidade de cada luta.

Outra coisa essencial é levar em consideração as necessidades, anseios e desejos dos povos cuja luta você pretende apoiar. Antes de criar uma organização de apoio, veja com eles se eles desejam seu apoio, de que tipo de apoio eles precisam, ou mesmo se eles têm as suas próprias organizações que você possa apoiar. Antes de planejar uma ação, fale com eles e veja se esse é o tipo de ação da qual a luta necessita. Lembre-se também que por mais bem-intencionada que seja uma ação, ela pode trazer repercussões negativas para aqueles que você pretende apoiar. A comunicação franca, honesta e o respeito mútuo devem ser a base de qualquer relação que seja estabelecida nessa luta.

De qualquer forma, acredito que a relação entre anarquistas e os povos indígenas é algo que deve ser trabalhado. Há muitos obstáculos a serem superados para fortalecer essa relação, como por exemplo, o fato de grande parte de nós anarquistas pertencermos a culturas colonizadoras. Apesar disso, juntos podemos superar esses obstáculos e enfrentar a colonização que ainda segue desenfreada.

Razão e intuição



O iluminismo provocou mudanças profundas na sociedade e no indivíduo, mudanças que se alastraram pelo mundo como um incêndio impelido pelo vento. Um dos produtos dessa mudança é o homem racional, vislumbrado não apenas no intelectual e no cientista, mas também em grande parte dos homens civilizados.

O homem racional é aquele que confia apenas na razão e na ciência, olhando com profunda desconfiança tudo que o seu intelecto não consegue compreender. Para ele, todas as suas experiências têm que ser apreendidas e interpretadas através da sua razão para que elas tenham alguma validade. Assim ele vive iludido por fantasmas criados pela sua própria mente e alheio ao que lhe seria evidente se ele não tivesse desaprendido a ouvir os seus instintos.

Não é minha intenção descreditar a razão, e nem implicar que devemos nos guiar apenas pela nossa intuição. A razão e a intuição não são formas de lidar com a realidade que se opõe uma a outra, e sim que se complementam.

A razão é uma ferramenta essencial para entendermos o mundo ao nosso redor. Temos muito a ganhar ao desenvolver nossas faculdades intelectuais e a nossa capacidade de submeter nossas ideias sobre a realidade a uma análise crítica. Mas ao mesmo tempo o pensamento racional é extremamente limitado, e ao endeusarmos a razão e ignorarmos os nossos instintos estamos criando seres humanos mutilados.

A maior vantagem da razão é a sua precisão. Ela permite dissecar a realidade em conceitos particulares e juntá-los em conceitos mais abrangentes. Pelo fato de o pensamento racional apresentar uma lógica que pode ser analisada em todos os seus componentes, comunicada a outros e revisada, ela é uma ferramenta valiosa.

Por outro lado, nessa mesma precisão está a sua fraqueza. A razão só pode se focar em uma coisa por vez. Além do mais, só podemos pensar em algo após simplificar e reduzir esse algo a um conceito. Por mais complexas que sejam as análises que criamos ao conectar diferentes conceitos, o nosso pensamento só consegue criar aproximações desajeitadas da realidade, que por mais úteis que sejam não conseguem lidar com a complexidade e dinamicidade do mundo real.

Já a intuição, é forte onde a razão é fraca e fraca onde a razão é forte. A intuição não tem a mesma precisão da racionalidade, por não trabalhar com conceitos isolados. Ao invés disso, ela processa uma série de dados e conexões para formar impressões gerais. Apesar de não ser tão precisa, a intuição consegue formar impressões muito mais complexas (envolvendo inúmeros fatores e conexões) e em uma velocidade muito maior do que o nosso intelecto.

Além disso, a intuição tem uma carga evolucionária de milhões de anos, o que significa que ela parte de uma compreensão de nossas necessidades como animais que o intelecto jamais alcançará. Seja ao lidar com situações sociais, com situações de risco ou ao procurarmos satisfazer as nossas necessidades físicas e emocionais, a intuição estará sempre um passo à frente.

É claro que a racionalidade também tem o seu propósito nessas situações, mas quantas pessoas não tentaram em vão procurar uma resposta para seus anseios através da razão quando instintivamente elas já sabiam exatamente do que elas precisavam? A razão tem uma capacidade imensa de nos enganar e nos levar a conclusões erradas, enquanto a intuição quase sempre nos guia de forma apropriada.

E a maioria de nós está tão desconectado de seus instintos que já não conseguimos nem mais diferenciar uma impressão intuitiva de uma falsa sensação. Por isso é essencial que qualquer um de nós que queira se curar das feridas da domesticação e realizar seu potencial como ser humano reaprenda a ouvir a sua intuição. Só assim poderemos entender os nossos anseios mais profundos e agir com a clareza e lucidez típica dos animais selvagens.

Individualismo e coletivismo – Uma falsa dicotomia



O comunista condena o “individualismo” da sociedade capitalista, enquanto os apologistas do capitalismo criticam o “coletivismo” pregado pelos comunistas. Apontando seus dedos uns para os outros, deixam de perceber que o individualismo e o coletivismo não estão e nem poderiam estar em oposição.

Uma sociedade na qual o indivíduo é valorizado apenas como ser atomizado resulta em individualidades amputadas e alienadas, pois é justamente em sua relação com outros indivíduos (e também com o ambiente no qual ele se situa) que o indivíduo se realiza plenamente.

Da mesma maneira, uma coletividade que suprime o indivíduo em prol do bem comum jamais verá uma coletividade plena, pois essa só pode ser formada por indivíduos livres para desenvolver a sua individualidade.

Apenas através um do outro que o individualismo e o coletivismo se realizam. É por isso que verdadeiro individualismo é coletivista, da mesma maneira que o verdadeiro coletivismo é individualista.

Liberdade aqui e agora



Como filosofia e prática, o anarquismo deveria acima de tudo ser libertador. Mas para muitos, ele se torna apenas mais uma prisão, como se não bastassem as prisões que a sociedade impõe sobre nós. Quantos anarquistas já viram suas vidas passarem lutando por uma revolução que nunca chegou e morreram amargurados sem nunca ter bebido do cálice da liberdade? Quantos não se desiludem e desistem de suas convicções depois de se desgastar após anos de ativismo?

O anarquismo deve ser uma prática que nos liberta aqui e agora, não um sacrifício por um ideal que provavelmente nunca veremos se concretizar. Para muitos anarquistas, a revolução desempenha o mesmo papel que o paraíso para os cristãos, tornando-se assim nada mais do que a imagem idealizada de um futuro que jamais se realizará.

Mas essa é uma opinião que provoca a ira de muitos anarquistas, como se ao buscarmos a liberdade em nossas vidas estivéssemos cometendo um sacrilégio contra seu anarquismo moralista e caduco. Já me cansei de ouvir as mesmas críticas vazias sendo repetidas por aqueles que como o velho Bookchin taxam todo anarquismo que visa ser libertador para o indivíduo no presente de “estilismo de vida”.

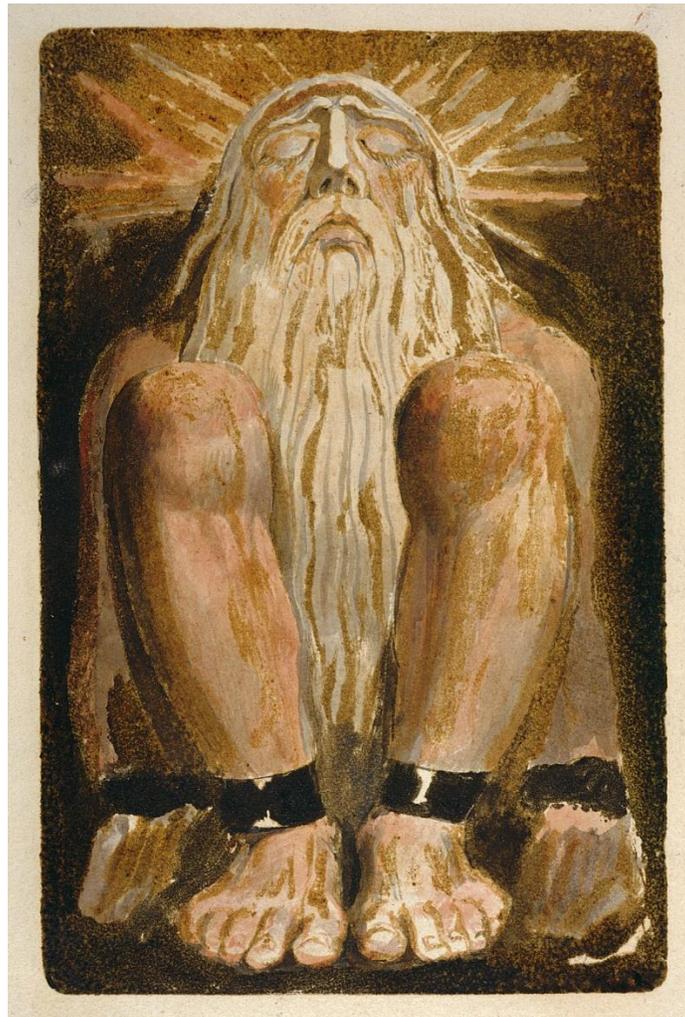
A primeira dessas críticas é que não é possível conquistar uma liberdade plena sem destruir o sistema. Primeiramente, a “liberdade plena” é um ideal, não uma realidade atingível. O que existe de fato são diferentes graus (e formas) de liberdade. Mesmo em uma sociedade anarquista, será sempre possível ser mais livre. Além do mais, por mais dominante que seja o sistema, ele nunca conseguiu e jamais conseguirá ter o mundo todo sob controle. Há várias

brechas que podem ser exploradas, e muitas maneiras de nos tornarmos mais autônomos e conquistarmos mais liberdade em nossas vidas aqui e agora.

Outra crítica que sempre surge é a acusação de que somos escapistas. Escapismo seria se eu juntasse um grupo de amigos para viver em uma comuna isolada e deixasse de lutar contra o sistema para viver uma vida pacata e agradável.

Mas por acaso morar em uma comuna ou viver de qualquer outra forma alternativa significa necessariamente abandonar a luta contra o sistema? Muito pelo contrário! A medida que nos tornamos menos dependentes do sistema e passamos a ter mais tempo em nossas mãos, nos encontramos em uma posição muito melhor para combatê-lo, e ainda aprendemos a suprir as nossas próprias necessidades e a desenvolver práticas essenciais para que possamos de fato viver de forma anárquica.

Contra toda a moral



Não basta apenas lutarmos contra as estruturas físicas que mantêm e perpetuam a civilização. Temos também que confrontar as nossas prisões mentais, e matar o policial dentro de nossas cabeças. Uma dessas prisões é a moral. Não falo apenas da moral Cristã, a moral iluminista ou a moral progressista, e sim toda a moral.

A moral funciona como a lei, criando verdades absolutas sobre o que é certo e errado para guiar o nosso comportamento. O problema é que o mundo não é preto e branco, e não faz sentido deixarmos as nossas ações serem guiadas por ideias fixas sobre o que é certo e errado em um mundo vivo e dinâmico que foge a qualquer tentativa de apreendê-lo.

Abandonar a moral não quer dizer agir sem consideração pelas outras pessoas e seres vivos, e sim agir apropriadamente de acordo com o contexto. Muitas vezes a moral nos impede de agir de tal maneira por entrar em conflito com o que é demandado pela situação. Quando uma

construção mental prevalece sobre necessidades reais ela obstrui a nossa capacidade de agir e se torna um empecilho em nossas vidas e em nossas relações uns com os outros e com o nosso ambiente.

Distância, destruição e controle



Em uma sociedade pequena na qual as pessoas se relacionam de forma direta umas com as outras e com o seu ambiente, elas são forçadas a encarar as consequências de suas ações e de todos os aspectos de suas vidas de forma direta. Vamos supor por exemplo que uma comunidade viva primariamente da pesca. Se eles começam a pescar em um ritmo maior do que os peixes conseguem se reproduzir eles verão os peixes se tornarem cada vez mais raros, e serão então forçados a tomarem alguma medida para evitar que os peixes dos quais eles dependem acabem. Da mesma maneira, se um membro dessa comunidade tomar decisões ou agir de uma forma que afete a vida dos outros membros de forma negativa, ele terá que responder diretamente a essas pessoas.

Já na civilização industrial global, as decisões sobre o rumo da sociedade e a extração e o consumo de recursos e produtos são mediados por instituições impessoais, tecnologia industrial e uma rede gigantesca de produção e distribuição. Dessa maneira nós nem sequer temos a capacidade de compreender como são tomadas as decisões que afetam as nossas vidas e como é feita a extração e distribuição dos produtos que consumimos em sua totalidade.

Políticos e empresários que nunca vimos pessoalmente e que nem sequer sabem de nossa existência tomam decisões que tem um efeito tremendo sobre as nossas vidas. Para suprimos

as nossas necessidades, compramos produtos que aparecem como que magicamente para nós em lojas e supermercados sem jamais questionarmos de onde eles vêm e quais são as implicações envolvidas em sua produção e distribuição.

Assim podemos comprar um celular que aparenta ser um produto inofensivo sem sequer ter noção do trabalho forçado, escravidão infantil e a destruição de ecossistemas que são necessários para que o produto final chegue até nós.

Nesse processo, o pensamento simbólico é a ferramenta que permite que aqueles que estão no poder e os técnicos a seu serviço controlem e administrem a sociedade. Dessa forma, pessoas reais, cidades e ecossistemas inteiros se transformam em símbolos, números e estatísticas, aumentando a distância entre nós e aqueles que nos controlam e transformando questões que envolvem a vivência de incontáveis seres vivos em meros problemas técnicos para serem resolvidos.

Qualquer solução que vise superar essa condição tem que romper violentamente com essa lógica e envolver ações que sejam baseadas em experiência direta e laços reais, e não mediadas através de símbolos, tecnologias e instituições que nos alienam uns dos outros e alimentam o processo de domesticação que a milênios tem sido responsável por controlar as massas civilizadas e torna-las subservientes a mesma civilização que causa sua miséria.

Recuperar o potencial ofensivo do anarquismo



O anarquismo se define como estando em oposição ao sistema, o que nos coloca em uma constante tensão. Apesar disso, a maioria dos anarquistas tem se limitado a resistir a expansão do sistema, se opondo a projetos de mineração, acordos de livre comércio e remoções forçadas de comunidades entre outras coisas.

Mas se nos limitarmos a resistirmos, estamos apenas atrasando o avanço do sistema, e não fazendo algo efetivo para ajudar a destruí-lo. Nesse momento, há um contraste gritante entre a prática e o discurso anarquista, que diz lutar pela destruição total do sistema.

Transformemos o anarquismo em um punhal direcionado contra esse sistema asqueroso que destrói e domina tudo em seu caminho. Não é necessário ser um especialista treinado para

atacá-lo. Há muitas ações simples que exigem pouco preparo e podem ser realizadas por quase qualquer pessoa. Mas lembre-se: atinja onde dói.

O sistema é forte, mas ele tem pontos fracos. O seu poder não reside naqueles que o dirigem e nem em seus lacaios, e sim em sua infraestrutura. O seu funcionamento depende de uma matriz tecno-industrial altamente conectada e interdependente. As vezes a destruição de uma simples fábrica pode interromper a produção de dezenas de outras e causar grande prejuízo. Um incêndio em um laboratório pode destruir décadas de pesquisa que seriam usadas para nos dominar.

Se o sistema insiste em nos atacar, por que não ataca-lo também?

Esperança?



A situação em que nos encontramos atualmente só pode ser descrita como catastrófica. A civilização se expandiu por todo o mundo sob a forma de um capitalismo global que parece ser capaz de se adaptar a qualquer crise e reprimir ou cooptar qualquer forma de resistência. A grande maioria da população mundial se encontra em um estado profundo de domesticação, e está disposta a defender o sistema do qual são dependentes a qualquer custo. O nosso planeta está cada vez mais tóxico, e as pessoas e outros seres vivos cada vez mais miseráveis e doentes.

Como se isso não bastasse, a perspectiva de um colapso global é iminente.

Os mares estão morrendo. À medida que a acidificação e aquecimento dos oceanos avançam, zonas mortas se expandem cada vez mais. Nas últimas décadas, 60% do zôoplancton e 40% do fitoplancton, que são a base da cadeia alimentar do oceano, já desapareceram. A maioria das áreas de pesca no oceano já estão exploradas, e é previsto que os estoques globais de peixes marinhos de pesca acabarão em 2048.

A maioria dos rios já estão envenenados e suas águas não são próprias para consumo humano, e as florestas que ainda não foram devastadas estão sendo desmatadas em um ritmo estarrecedor. Como se isso não bastasse, a agricultura industrial está rapidamente acabando com o solo arável do planeta e contribuindo para a desertificação, além de estar destruindo ecossistemas e envenenando seres humanos e não-humanos.

Como já foi abordado antes, a produção de petróleo está prestes a atingir o seu pico, e não há alternativas viáveis para substituí-lo que sejam remotamente sustentáveis. Além do mais, mesmo se houvessem alternativas viáveis, o seu processo de implementação seria longo e complicado, e incapaz de lidar com a urgência da situação.

Para piorar as coisas, o aquecimento global agrava todos esses problemas e apresenta uma série de outros problemas consigo. Os seus efeitos estão se desenrolando em um ritmo muito mais rápido do que esperavam as previsões feitas no século passado, e pouquíssimo tem sido feito para combatê-lo apesar das montanhas de estudo demonstrando seu potencial catastrófico.

De qualquer forma, nós estamos para atingir a qualquer momento um ponto a partir do qual o aquecimento global passará se auto reforçar em um ciclo vicioso, tornando impossível evitar uma catástrofe global. Muitos especialistas afirmam que já passamos desse ponto, e que não há mais o que fazer. Mesmo se esse não for o caso, a única forma de impedir tal cenário seria parar quase toda a produção industrial nos próximos anos, um cenário tão improvável que não vale a pena ser considerado.

E o que podemos esperar do agravamento do aquecimento global? Além do agravamento dos problemas anteriores, os verões se tornarão mais quentes e as secas cada vez mais fortes e frequentes. Incêndios serão cada vez mais comuns e a agricultura sofrerá efeitos devastadores em grande parte do mundo. O nível dos mares também subirá de forma significativa, acabando com muitas cidades costeiras, forçando inúmeras pessoas a migrarem e causando prejuízo tremendo.

Também podemos esperar um agravamento de desastres naturais como furacões, que causarão cada vez mais prejuízo humano e econômico. Além do mais, a desertificação e aumento de temperatura tornarão várias áreas com grandes densidades populacionais inabitáveis ainda esse século, o que junto com outros fatores como o aumento de conflitos (os efeitos de secas na agricultura na Síria por exemplo, foi um dos principais fatores que desencadeou o conflito na região) gerará uma onda de migrações jamais vista antes, aumentando tensões sociais e gerando mais conflitos.

Em meio a esse cenário, o que podemos fazer? Temos visto uma onda crescente de motins e revoltas pelo mundo, seja na Grécia, Brasil, Turquia ou na França, além de movimentos de resistência indígena como o movimento do Delta da Nigéria e a resistência contra a expansão de projetos de extração de petróleo no Canadá.

Apesar de inspiradores, nenhum desses movimentos de resistência tem se mostrado capaz de desafiar a totalidade que enfrentamos. Além do mais, a crítica contra a civilização tão necessária nesse momento ainda é extremamente impopular mesmo entre ativistas mais “radicais”.

Por mais desesperadora que pareça a situação, não acredito que a resposta seja se afundar em desespero ou se abandonar ao hedonismo. A primeira coisa que precisamos fazer é encarar a situação que enfrentamos de forma honesta, e abandonar qualquer esperança de que uma revolução global possa impedir um colapso.

A partir do ponto que nós reconhecemos a situação em que estamos e paramos de nos desgastar lutando por falsas soluções, podemos procurar por perspectivas anárquicas em um mundo que está ruindo. Mas o que isso significa na prática? Nos próximos parágrafos tentarei apresentar ideias que surgiram a partir de leituras, conversas, experiências e reflexões na esperança de que outros anarquistas obtenham algum proveito delas e possam criticá-las, aperfeiçoá-las e expandi-las.

Primeiramente, eu diria que é hora de abandonar o navio. A vida civilizada tem se tornado cada vez mais miserável, e a partir de agora só se tornará mais. Os poucos luxos que ela tem a oferecer se tornarão cada vez mais escassos, e sobreviver através de seus meios se tornará cada vez mais difícil.

Devido ao nosso grau de domesticação, esse não é um processo fácil, e requer que nós aprendamos como suprir as nossas necessidades de forma direta para que não precisemos mais vender a nossa força de trabalho e jogar o jogo dos domesticadores. Para fazermos isso, precisamos aprender e recuperar uma série de técnicas, habilidades e conhecimentos que nos permitam fazer isso.

Entre essas coisas estão aprender a caçar (com armas de fogo, arcos, armadilhas, etc), cultivar (permacultura, horticultura tradicional de pequena escala, etc), preservar alimentos (secar, conservar, salgar), produzir cordas, roupas, ferramentas (de metais ou materiais encontrados na natureza), se aproveitar dos restos da sociedade, identificar e coletar plantas e fungos selvagens (alimentícios, medicinais, etc), medicina tradicional e primeiros socorros, autodefesa, formas de lidar com relações interpessoais e tomar decisões, etc. Essas habilidades e conhecimentos não apenas nos ajudarão a lidar com o colapso e recuperar a nossa selvageria como também poderão formar a base da sobrevivência de sociedades futuras autossuficientes.

Mas tão importante quanto desenvolver as habilidades necessárias para vivermos de forma feral é formarmos comunidades ou bandos com a mesma intenção, para viver de forma assentada, seminômade ou mesmo nômade.

Independente da forma que essas comunidades tomarem, elas precisarão de algum local para ocupar de forma permanente ou temporária. Aqui, eu tenho um ponto central para enfatizar:
FIQUE LONGE DOS CENTROS URBANOS!

As grandes cidades podem até servir como um ponto estratégico para fazer uma ação ou obter certos bens, mas elas não são um local apropriado para se assentar. Primeiramente vale lembrar que as cidades estarão entre os locais mais afetados pelo colapso por serem completamente dependentes de redes de distribuição, incapazes de produzir seus próprios recursos. Qualquer coisa que derrube essas redes ou as afete de maneira significativa deixará uma cidade rapidamente desprovida de recursos essenciais.

Apesar da falta de recursos naturais para serem utilizados por anarquistas ferais, há no momento muitos resíduos deixados tanto pelas empresas quanto pelos habitantes dos grandes centros que podem ser aproveitados, como todo bom adepto do freeganismo bem conhece. Mas a medida que o processo de colapso se agrava e as redes de distribuição forem afetadas, esses recursos se tornarão cada vez menos frequentes e mais disputados pelos habitantes das urbes.

Além do mais, não há ambiente mais ultra domesticado do que as cidades. O contato com a natureza selvagem é essencial para o processo de reverter a domesticação, e a cidade limita seriamente esse contato, além de ser um ambiente que afeta negativamente a nossa psique e os nossos corpos de diversas maneiras.

Ocupemos o campo, as fazendas e as florestas. Assim criaremos zonas autônomas permanentes e temporárias, e nessas zonas poderemos desenvolver novas formas de vida autossuficientes, selvagens e sustentáveis. Formemos redes de apoio mútuo com outras zonas, para que essas redes nos permitam suprir nossas necessidades, defender os nossos territórios e atacarmos o sistema. Criemos uma resistência selvagem e plural como a dos povos de Zomia contra diversos impérios ao longo dos séculos.

O agravamento do processo de colapso também nos oferecerá uma série de oportunidades tanto para formar essas zonas autônomas como também para atacar o sistema à medida que ele se torna cada vez mais instável e abalado por conflitos. Primeiramente, a migração humana nos fornecerá diversas oportunidades de autonomia, à medida que áreas inteiras serão praticamente abandonadas por diversas razões como a perda de solo arável (que pode ser recuperado com as técnicas certas), problemas de infraestrutura e aumento de conflitos.

É claro se as pessoas estão abandonando uma área, há uma razão para isso, e se nós não tivermos preparo para lidar com o que fez as pessoas saírem de lá, não conseguiremos aproveitar as oportunidades que essa migração apresenta. Se uma área está sendo abandonada pelo fato de seus moradores estarem sofrendo ataques de saqueadores por exemplo, não adianta tentar ocupá-la se nós não temos a capacidade de nos defendermos desses saqueadores.

O fato de que uma área está sendo abandonada não significa necessariamente que ela oferece uma oportunidade pertinente para uma ocupação. Não vejo como seria uma boa ideia ocupar, por exemplo, uma área que está sendo abandonada devido a uma contaminação radioativa. Em outros casos, as razões por trás das migrações podem ser extremamente vantajosas para nós.

Se uma área se torna abandonada pelo estado em decorrência da instabilidade política e social que resultará de nossa crise ambiental, é de grande vantagem se aproveitar dessa falta de presença do estado para criar uma zona liberada.

Além do mais, essa mesma instabilidade nos oferecerá diversas oportunidades para atacar o sistema à medida que os governos se tornam cada vez mais enfraquecidos e ocupados enquanto tentam gerenciar a crise econômica, social e ambiental e lidar com os motins e insurreições que surgirão inevitavelmente. Muitos governos estarão sobrecarregados demais para conseguir alocar uma quantidade significativa de recursos para reprimir-nos, e muitos cairão em decorrência das guerras e insurreições cuja frequência e intensidade certamente aumentarão ao longo do século. Mas durante esse processo, é importante se lembrar que governos e corporações não serão os nossos únicos inimigos.

Muitos desses grupos que se opõe a eles também representam ameaças em potencial, como grupos fascistas de extrema direita e grupos criminosos ou de guerrilha que se aproveitarão da instabilidade social para conquistar poder, avançar os seus interesses e/ou atacar aqueles que estão mais vulneráveis. Durante o período de escalação de conflitos, é importante termos o tato necessário para identificarmos aliados e inimigos em potencial, ou terminaremos repetindo os mesmos erros cometidos por anarquistas no passado que não tiveram esse tato.

Voltando ao estado, é importante ressaltar que o fato de que vários estados se desestabilizarão ou mesmo cairão nas próximas décadas não significa que o estado se tornará uma ameaça menor ou menos preocupante. Eu diria que o contrário é verdade, pelo menos inicialmente.

Estrategistas militares de diversas potências mundiais já sabem do potencial que o aquecimento global tem de agravar crises econômicas e sociais, e já estão se preparando para conter insurreições. Não é à toa que recentemente diversos países têm aprovado leis “antiterroristas” e aumentado a repressão contra a dissidência política.

No futuro essa repressão com certeza continuará a aumentar, e aqueles que pretendem se opor ao sistema de forma séria devem estar preparados para se defender e/ou escapar das forças do estado sem contar com proteções legais. E é nesse cenário e contexto que surgirão as oportunidades de ataque à medida que o processo de colapso for se agravando. Nesse ponto, eu reforço o meu conselho de evitar se manter nos centros urbanos, pois esse é o ambiente onde o controle estatal é mais forte. É claro que nesses centros também se encontram muito alvos em potencial, mas qualquer estratégia que envolva atacá-los deve também envolver uma retirada para fora das urbes para evitar se colocar em uma posição vulnerável e se tornar uma presa fácil para a repressão estatal.

Quanto as pessoas em geral, é de se esperar que a grande maioria delas continue defendendo a ordem domesticadora e acreditando que a saída para a crise se dará através da tecnologia até que se torne claro que não há mais saída. A probabilidade de que haja um movimento de massas e/ou uma revolução anticivilização em grande escala é pequena, e eu certamente não contaria com ela.

Apesar disso, é provável que sentimentos anticivilização e/ou antitecnologia aumentem a medida que o fracasso da civilização industrial se torna cada vez mais evidente. Mas vale lembrar que anarquistas não são os únicos que apresentam uma crítica a tecnologia e que pretendem um retorno a sociedades autossuficientes de pequena escala. De fato, há setores da direita alternativa neofascista que também compartilham desse ideal.

Portanto, se quisermos se aproveitar da crescente desilusão com a tecnologia e a civilização que provavelmente surgirá, devemos apresentar e deixar clara a nossa posição e crítica antiautoritária ao mesmo tempo que nos opomos aos autoritários de maneira direta.

Algumas outras considerações me vêm em mente, mas essas são especulativas demais para que eu sinta que elas possam ter alguma utilidade. Mesmo as ideias que eu apresentei aqui formam apenas um esboço pouco preciso do que podemos esperar pela frente, apesar de se basear em grande parte em estudos científicos e projeções futuras de tendências atuais.

Muitas forças que escapam a minha análise também estão em jogo, e o grau em que as forças que eu levo em consideração irão operar, além das diferentes maneiras que elas irão interagir com outras forças, estão além da minha capacidade de análise, e eu acredito que da capacidade de qualquer um. O fato é que qualquer projeção futura com essa complexidade e que avance décadas a frente em um cenário de mudanças tão drásticas está fadada a ser pouco mais do que um esboço grosseiro.

Embora essas projeções sejam importantes para podermos nos guiar no presente e tomar decisões que nos preparem para o futuro que está por vir, temos que permanecer adaptáveis e estarmos constantemente atentos para novos sinais e fenômenos surgindo no presente. Quantos teóricos do passado já não estiveram tão cegos pelas suas projeções futuras que não viram a história acontecer na sua frente?

De qualquer maneira, espero que a minha análise seja de alguma utilidade, e que ela possa fornecer ferramentas que contribuam para as reflexões e a prática de outros anarquistas.

Espero ter deixado a minha posição clara, e ter mostrado que mesmo em um cenário de colapso global que não pode ser evitado por nenhuma revolução ainda há diversas perspectivas para a anarquia. Por fim, espero que nos encontremos não nas páginas de meus (ou os seus) escritos ou nos confins da internet, e sim no mundo vivo e selvagem, para que possamos um dia construir algo juntos e/ou lutarmos lado a lado.

Leituras recomendadas

- Anônimo: Deserto – <http://pt.protopia.at/wiki/Deserto>
- Selvage: Da Anarquia a Selvageria – http://pt.protopia.at/wiki/Selvage_da_anarquia_%C3%A0_selvageria
- Thierry Sallantin: O que é a ecologia radical - <https://kataklysm.noblogs.org/?p=3848>
- Seaweed: Terra e liberdade - <https://kataklysm.noblogs.org/?p=1621>
- Contraciv: Contra o eco-capitalismo - <https://contraciv.noblogs.org/files/2016/04/Contra-o-eco-capitalismo.pdf>
- Chellis Glendinning: Vício tecnológico - <https://contraciv.noblogs.org/files/2016/04/V%C3%ADcio-tecnol%C3%B3gico.pdf>
- John Zerzan: Correndo no Vazio. O fracasso do pensamento simbólico - http://pt.protopia.at/wiki/Correndo_no_vazio._O_fracasso_do_pensamento_simb%C3%B3lico
- John Zerzan: Essa coisa que fazemos - <https://contraciv.noblogs.org/files/2016/05/Essa-coisa-que-fazemos.pdf>
- Contraciv: Resposta à crítica do Murray Bookchin - <https://contraciv.noblogs.org/resposta-a-critica-de-murray-bookchin/#more-298>
- [Inglês] Kevin Tucker: For Wildness and Anarchy (Pela anarquia e selvageria) – <http://littleblackcart.com/books/green-anarchist/for-wildness-and-anarchy/> (nenhuma versão gratuita encontrada)
- [Inglês] Autumn Leaves Cascade: A rewilding community toolbox - <https://hastenthedownfall.files.wordpress.com/2015/03/a-rewilding-community-toolbox-vii-updated-margins3.pdf>
- [Inglês] Anônimo: The false promise of green technology (A falsa promessa da tecnologia verde) - <https://theanarchistlibrary.org/library/anonymous-the-false-promise-of-green-technology.lt.pdf>